

I

A teoria marxista do valor é muito pouco compreendida pela maioria das pessoas, mesmo aquelas que possuem algum grau de leitura sobre o assunto. Que razões existiriam para isso?

Alguma complexidade realmente ela apresenta, mas muito menor do que muitos de seus leitores acreditam e menos do que alguns de seus divulgadores querem fazer crer, pelo menos no que se refere aos seus aspectos básicos e indispensáveis para uma leitura adequada da teoria marxista sobre a economia capitalista.

É interessante notar que leitores qualificados de Marx, tanto no que se refere aos aspectos mais filosóficos do seu pensamento, quanto particularmente ao seu método dialético, encontram dificuldades ao enfrentarem-se com a teoria do valor. E isso é um aspecto curioso e nos faz pensar que se trata de assunto relevante. Como é possível que alguém, com compreensão profunda sobre a dialética marxista e, em particular, com capacidade para entender a dialética presente em *O Capital*, não consiga adequadamente apropriar-se da teoria do valor ali presente?

Isso é muito mais grave ainda pelo fato de que a teoria do valor de Marx não se constitui em aspecto de menor significação e que tenha sido apresentado somente no primeiro capítulo de *O Capital*. Ela encontra-se desenvolvida, em sua totalidade, no conjunto dessa obra. Assim, os capítulos do seu livro III, pelos menos a grande maioria, são fundamentais para a teoria marxista do valor. Poderíamos ir mais longe e dizer que ela se confunde mesmo com a teoria econômica do capitalismo, exposta por Marx em *O Capital*, e que conceitos desenvolvidos em capítulos avançados dessa obra, inclusive os do livro III, são meros aspectos seus. Conceitos como os de capital, mais-valia, capital comercial, capital a juros, capital fictício, renda da terra não passam de elementos dentro da teoria marxista do valor, conceitos mais desenvolvidos do próprio valor. Não entender os significado do valor é não entender a verdadeira natureza de cada um desses conceitos.

Não temos uma resposta definitiva para essa questão: a dificuldade de muitos em entender a mencionada teoria. Não obstante, poderíamos começar afirmando que talvez a razão esteja na existência de muitas interpretações equivocadas e contrapostas sobre ela. Sem embargo, isso não resolveria, em última instância, o problema, pois tais interpretações, muitas vezes, não resultam de uma deliberada intenção de seus autores em deformá-la, mas resultado de verdadeiro equívoco em suas análises. Assim, essas interpretações deformadoras não seriam a causa, mas consequência da dificuldade da mencionada compreensão teórica.

É verdade que existem deformações deliberadas e o exemplo mais emblemático é a de Steedman<sup>1</sup>, mas é mais correto pensar que a maioria provém de equívocos de seus formuladores.

---

\* Professor do Dep. de Economia e do Mestrado em Política Social da UFES.

<sup>1</sup> Steedman, Ian. *Marx, Sraffa y el Problema de la Transformación*. FCE, México, D.F., 1985. (título original: *Marx alter Sraffa*, 1977).

Assim, nossa hipótese é a de que a dificuldade tem como origem a contaminação que a teoria marxista sofre com elementos, convicções, formulações e conclusões provenientes de concepções científicas diferentes, em particular, provenientes da teoria ricardiana do valor<sup>2</sup>, mas não só dela.

Indiscutivelmente, a teoria marxista do valor aparece contaminada com elementos estranhos, na maioria das interpretações disponíveis. Essa contaminação aparece tanto em textos de divulgação com caráter didático (em particular os famosos manuais), quanto em trabalhos com características científicas que pretendem criticar ou aprofundar teoricamente as questões.

Pior que tudo isso é o fato de que essas interpretações contaminadoras, cuja natureza não é fácil precisar, em particular as expressas em textos com caráter mais científico, induzem muitos pesquisadores marxistas ou paramarxistas, na tentativa de solucionar as dificuldades ou as supostas dificuldades teóricas, a trilhar cominhos complexos, multifários, contrapostos<sup>3</sup>, que terminam mais confundindo que levando à solução das dificuldades teóricas existentes ou sugeridas. As interpretações contaminadoras, ao mal interpretar as palavras de Marx e, como consequência disso, ao apontar dificuldades teóricas inexistentes ou a expressá-las de modo inadequado, levam à improdutividade muitos esforços sérios.

Entre os paramarxistas estão, inclusive, aqueles que já não consideram relevante a teoria marxista do valor ou, pior ainda, qualquer teoria do valor ou qualquer preocupação com ela. Ela constituiria uma espécie de pecado de juventude de qualquer estudioso e a conclusão seria de que, em sua maturidade, insistir nela implicaria pura ingenuidade. É verdade que esses paramarxistas que, em quase todos os aspectos são irmãos dos antimarxistas, não causam maior dano, pois, ao abandonarem a preocupação com tal teoria, não a seguem contaminando com influências estranhas ou diversionistas. Sofrem seus discípulos, aos serem condenados à ignorância de seus mestres, mas, pelo menos, a teoria permanece isenta das contaminações que poderiam produzir.

Dificuldade maior causam muitos marxistas ou os paramarxistas que ainda consideram relevante a questão. Sua legítima preocupação científica de enfrentarem os problemas e dificuldades existentes ou criados, ao produzir as mencionadas interpretações multifárias e contrapostas, só produzem “ruídos” que dificultam a compreensão adequada da teoria e a fazem parecer muito mais difícil do que realmente é. Essas dificuldades são como os “ruídos estáticos” que dificultam as comunicações por ondas de rádio. A grande maioria dos ruídos teóricos produzidos por essas tentativas multifárias de resolver aspectos não solucionados na teoria surge naquelas que procuram encontrar solução para a aparente dificuldade apresentada pela problemática da transformação do valor em preço de produção. A teoria dos preços de produção, na sua dificuldade de explicar por que o lucro

---

<sup>2</sup> Para conhecer-se a nossa interpretação sobre a teoria do valor de Ricardo, cf nossos textos: “Sobre a leitura ricardiana de Marx” (co-autor: Olívio A. Teixeira). Ensaio-FEE, ano 13, n°2. Porto Alegre: FEE, 1992 e “Ricardo e o fracasso de uma teoria do valor. (versão preliminar). Anais do VII Encontro Nacional de Economia Política. Curitiba: SEP, 29 a 31 de maio de 2002.”, ambos disponíveis em <http://carcanholo.cjb.net>.

<sup>3</sup> Originais, sim, mas pouco promissores no que se refere ao seu resultado concreto.

total não é igual à mais-valia total (problema explicitado também de outras maneiras<sup>4</sup>) constitui o objeto privilegiado de análise por parte dessas multifárias interpretações.

As péssimas influências produzidas pelo ecletismo e o ruído resultante das tentativas multifárias podem, muito bem, serem a explicação da questão apresentada desde o início. Sem dúvida, esses elementos influenciam de maneira decisiva as tentativas de exposição didática da teoria, em particular nos manuais. Como estes se constituem em referência obrigatória para todos aqueles que enfrentam dificuldades ao estudar a teoria do valor, o trajeto está concluído: ecletismo mais ruído teórico, elaboração de manuais, incompreensão da teoria, resistência em realizar um esforço de superação das dificuldades. A teoria marxista do valor aparece, pelo menos para alguns, como a matemática para aqueles que têm dificuldade com ela: basta uma equação qualquer, a mais elementar que seja, e o leitor já não entende mais nada.

Poder-se-ia argumentar que todas as considerações anteriores padecem do defeito de que consideramos equivocadas todas as interpretações diferentes da nossa análise e que só ela seria, na verdade, a correta. E esse argumento em grande parte é correto. Consideramos adequada, em suas linhas básicas, nossa perspectiva sobre a teoria marxista do valor, sujeita obviamente a discussões e aperfeiçoamentos em alguns de seus aspectos, mas não em sua visão mais geral.

Discutiremos a seguir aqueles elementos que consideramos fundamentais para que se possa iniciar a compreensão da teoria do valor de Marx, base fundamental para o entendimento da natureza, funcionamento, desenvolvimento, características atuais e perspectivas da economia capitalista da qual somos vítimas.

## II

Alguns dos elementos ou princípios básicos que desenvolveremos aqui podem ser enumerados. São eles:

1. A teoria marxista do valor não é uma simples teoria dos preços, mas da natureza da riqueza capitalista.
2. Valor e valor-de-troca são conceitos total e absolutamente diferentes.
3. O valor de uma mercadoria não é a quantidade de trabalho socialmente necessário para produzi-la. O valor não pode ser definido.
4. Se inicialmente ele pode ser descrito como a propriedade social das mercadorias que consiste em seu poder de compra, converte-se em entidade com vida própria
5. Os preços das mercadorias não são proporcionais nem ao valor nem à quantidade de trabalho. São determinados pelo jogo da oferta e demanda.

---

<sup>4</sup> Essa dificuldade, nas formulações ainda mais diversionistas, é apresentada como a impossibilidade da existência das duas identidades fundamentais (o chamado “lema” de Marx) ou ainda como a “absurda” existência de duas diferentes taxas média de lucro (uma em valor, outra em preço de produção),

Começamos pelo primeiro dos elementos apontados. É necessário destacar que é mais ou menos generalizada a idéia de que a teoria marxista do valor é uma teoria dos preços ou, o que é a mesma coisa, que sua preocupação principal é a explicação de como determinam-se os preços das mercadorias em uma economia capitalista. Nada mais longe da verdade.

Ela é, de fato, uma teoria sobre a natureza da riqueza capitalista e, particularmente, sobre a produção dessa riqueza. Não é por outra razão que o primeiro parágrafo do capítulo sobre a Mercadoria d'O Capital (que é seu primeiro capítulo) pergunta-se justamente sobre isso.

É verdade que há uma relação entre os conceitos de valor e preço de mercado e que ela é de tipo quantitativo, mas se trata de uma relação mediada por certas determinações<sup>5</sup>.

A magnitude do valor de uma mercadoria, determinada pela quantidade de trabalho socialmente necessário (dimensão quantitativa do trabalho abstrato), é a medida da riqueza que ela significa para a sociedade. Representa a grandeza do esforço social despendido para a sua produção e, nessa medida, constitui a magnitude da riqueza social, na época capitalista.

Uma diferenciação essencial, no interior da teoria, é a que existe entre os conceitos de valor e valor de troca. Muitas vezes eles são confundidos e entendidos como se fossem iguais<sup>6</sup>. Isso constitui um grave erro.

Para Marx o valor de troca de uma determinada mercadoria é a proporção de troca que ela realmente estabelece com outra mercadoria qualquer<sup>7</sup>. Assim, ela não possui somente um valor de troca, mas tantos valores de troca quantas são as demais mercadorias existentes na sociedade<sup>8</sup>. O preço, ao contrário de certas interpretações equivocadas<sup>9</sup>, é simplesmente o valor de troca da mercadoria quando a outra é a mercadoria dinheiro<sup>10</sup>.

---

<sup>5</sup> Interessante tratamento disso encontra-se em Rosental, M. Problemas de la Dialéctica en El Capital de Marx. Ediciones Nueva Vida. Buenos Aires, s/d. pp. 270 e seguintes.

<sup>6</sup> O próprio E. Mandel, no seu Tratado de Economía Marxista. Ediciones Era, S.A., México, 1969 (no original: Mandel, E. Traité d'Économie Marxiste. Union Générale d'Éditions. Paris, 1962.), ao usar essas expressões como se fossem sinônimas, induz à confusão (cf. páginas 85 [74], 95 [83], 213 [196] e 264 - os número entre colchetes correspondem às páginas do original em francês). No entanto, em algumas passagens do seu texto, especialmente quando fala da transferência de valor, a identidade entre esses conceitos parece não estar presente em sua interpretação.

<sup>7</sup> Na sociedade mercantil algo desenvolvida e, obviamente, no capitalismo, o valor de troca entre duas mercadorias (quando não se trata diretamente do preço) é normalmente intermediado pelo dinheiro.

<sup>8</sup> Cf. o primeiro capítulo (Sobre a Mercadoria) d'O Capital de Marx.

<sup>9</sup> Cf., por exemplo, Napoleoni, Cláudio. Lições sobre o Capítulo Sexto (Inédito) de Marx Livraria Editoria Ciência Humanas. São Paulo, 1981. p.147.

<sup>10</sup> O surgimento do dinheiro de crédito, que é o que conhecemos nos dias de hoje, complica o assunto, mas não invalida a essa afirmação.

O conceito de valor é descoberto por Marx a partir de uma observação adequada do valor de troca<sup>11</sup>. O que podemos, então, entender por *valor*? Trata-se, em um primeiro momento e só num primeiro momento<sup>12</sup>, de uma propriedade, de uma característica intrínseca a cada mercadoria, propriedade essa que é social (não natural) e que consiste no “poder de compra”, no poder de atração que possui essa mercadoria sobre as demais e que permite que ela tenha aqueles valores de troca determinados e não outros menores ou maiores. Esse poder de compra está relacionado, numa primeira análise, à riqueza mercantil que a sociedade reconhece na sua existência (a quantidade de trabalho socialmente necessário). É aí que fica determinado que a magnitude do valor é a magnitude da *riqueza* mercantil que foi *produzida* pelo trabalho social, pelo esforço produtivo da sociedade desviado eventualmente de outros fins.

Enquanto o valor é uma propriedade social inerente, interior à mercadoria, expressão nela das particulares relações sociais existentes e, portanto, uma categoria da essência da sociedade capitalista, o valor de troca é sua forma de manifestação e aparece na superfície mesma dos fenômenos; por isso, diretamente observável<sup>13</sup>.

Então, o valor (que é descoberto e identificado como poder de compra) constitui, na verdade, através de sua grandeza, a magnitude da riqueza social produzida. No entanto, a continuidade da análise revelará, posteriormente, que o *real poder de compra* da mercadoria, embora conformado fundamentalmente pela riqueza que ela representa, será alterado por novas determinações.

Se denominarmos *poder de compra original* aquele fixado diretamente pela magnitude do valor da mercadoria, podemos dizer que, na verdade, o *real poder de compra* dela flutua em torno de certo nível e que tal nível está relacionado com o *poder de compra original* através de certas mediações teóricas, mediado por determinações secundárias.

Em última instância podemos dizer que as variações desse *real poder de compra* são determinadas pelo jogo da oferta e da demanda. Assim, dentro desses limites, não seria errado afirmar que, para Marx, os valores de troca e, em particular, o preço de uma mercadoria determina-se pela oferta e demanda.

Dessa maneira, não há, na teoria marxista, uma “lei do valor” que diga que os valores de troca e os preços estejam determinados diretamente pelas quantidades de trabalho socialmente necessário contido nas mercadorias ou, em outras palavras, que as mercadorias devam ser trocadas na proporção inversa de seus valores, como sugerem alguns autores<sup>14</sup>. Essa visão equivocada algumas vezes é expressa de outra forma, isto é,

---

<sup>11</sup> Para maiores detalhes, cf. nosso texto “Dialética da Mercadoria”, disponível em <http://carcanholo.cjb.net>.

<sup>12</sup> Como qualquer outra categoria da dialética materialista, trata-se de algo que apresenta um desenvolvimento, isto é, transforma-se ao longo do tempo.

<sup>13</sup> Sobre a relação dialética entre essência e fenômeno, cf. Rosenthal, M., op. cit., especialmente o capítulo VI.

<sup>14</sup> Cf, por exemplo, Napoleoni, C., op. cit., p. 147

que o valor seria “norma” de intercâmbio. Se é que na teoria econômica marxista tem algum sentido falar-se em “lei do valor”, com certeza não é no sentido apontado<sup>15</sup>.

Se imaginássemos uma situação em que o *real poder de compra* das mercadorias em geral não fosse alterado por determinações secundárias e se, assim, fosse diretamente proporcional às magnitudes dos seus valores, isto é, às quantidades de trabalho socialmente necessário nelas contidas, teríamos o que denominamos *preços correspondentes aos valores* e nesse caso encontraríamos, na equação de troca entre duas mercadorias quaisquer, de ambos lados, a mesma quantidade de trabalho abstrato.

Vejamos um exemplo dessa situação imaginária. Suponhamos que a magnitude do valor da mercadoria A seja igual a 200 horas de trabalho socialmente necessário e que a da mercadoria B seja 5 horas. Na situação imaginada, o valor de troca de A em B seria:

$$\begin{array}{rcl} 1 \text{ A} & = & 40 \text{ B} \\ \text{?F} & & \text{?F} \\ 200 \text{ horas} & & 200 \text{ horas} \end{array}$$

Nesse caso diríamos que os valores de troca correspondem às verdadeiras magnitudes do valor delas e, também, o que significa o mesmo, que seus preços correspondem aos seus valores. Fica estabelecido, aqui, o conceito de *preço correspondente ao valor* ou, mais precisamente, *preço correspondente à magnitude do valor*.

No entanto, não é isso o que acontece, na realidade. Suponhamos que encontremos, na verdade com a seguinte equação de troca ou valor de troca da mercadoria A:

$$\begin{array}{rcl} 1 \text{ A} & = & 35 \text{ B} \\ \text{?é} & & \text{?é} \\ 200 \text{ horas} & & 175 \text{ horas} \end{array}$$

O que isso significa e em que, em substância, se diferencia da situação dos *preços correspondentes aos valores*?

Esse exemplo último nos permite entender a diferença entre os conceitos de *produção e apropriação* de valor.

No caso, observando o produtor de A, podemos dizer que, se inicialmente ele era proprietário de uma riqueza social de magnitude 200 horas, na forma de mercadoria A, ele sai do mercado, onde realizou a troca de A por B, com uma riqueza menor e igual a 175 horas, na forma de B. Perdeu, na troca. Transferiu riqueza para o outro produtor riqueza de magnitude igual a 25 horas de trabalho. Entende-se agora um novo conceito: o de *transferência de valor*.

Dessa forma, preços de mercado correspondentes às verdadeiras magnitudes dos valores<sup>16</sup> significariam *produção e apropriação* de valor iguais e *transferência* igual a zero<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Sobre o assunto, cf. Borges Neto, João Machado. “As várias dimensões da lei do valor”. Nova Economia, vol. 14 (3). Belo Horizonte, 2004.

<sup>16</sup> Insistimos: não são os que ocorrem na realidade capitalista.

Assim, poderíamos concluir de tudo isso dizendo que a magnitude do valor de uma mercadoria determina a grandeza da riqueza social que ela representa e mede a riqueza produzida socialmente no instante de sua produção. No entanto, a riqueza que ela representa, em cada instante, para seu possuidor, ao contrário, mede-se pela capacidade que a mercadoria possui realmente de, no mercado, apropriar-se de valor sob a forma de outra mercadoria ou de dinheiro<sup>18</sup>.

É necessário responder a uma pergunta relativa a esse assunto. Os preços podem se distanciar muito dos preços *correspondentes* aos valores? E a resposta é que eles não podem ser muito menores por muito tempo, pois isso levaria ao abandono do setor por parte de seus produtores. Isso só pode acontecer por tempo limitado em situações especiais (guerra, catástrofes, etc.). Ocorrem, no entanto, grandes diferenças para cima, por muito tempo, no caso de monopólios.

As diferenças entre *produção* e *apropriação* de valor podem ser circunstanciais, quando resultam de flutuações dos preços em torno dos seus níveis normais ou do fato de que o *real poder de compra* difere estruturalmente do *poder de compra original*. Quando a razão é esta última, é porque certas mediações teóricas interferem na relação entre o valor e o preço de mercado, muitas das quais, podem e são efetivamente explicadas pela teoria. Algumas delas podemos mencionar aqui: o conceito de preço de produção<sup>19</sup>, a existência de monopólios e os correspondentes conceitos de preço de monopólio e de renda absoluta de monopólio<sup>20</sup>, a intervenção estatal.

Voltemos agora ao conceito de valor propriamente dito. Em muitos textos, especialmente manuais, ele é definido como a quantidade de trabalho socialmente necessário para a produção de uma mercadoria. Como definição de algo pouco ou nada entendido pode ser excelente, pois é simples, sintética e facilmente memorizável. Como algo que chegue a ter alguma significação teórica, é pouco menos que descartável.

A quantidade de trabalho socialmente necessário determina a magnitude do valor, refere-se à sua dimensão quantitativa, à sua grandeza, mas não à sua natureza. O valor não é trabalho, embora encontre nele o seu fundamento. Valor é uma propriedade social das

---

<sup>17</sup> Não há possibilidade de explicar aqui o conceito de *geração*, aplicados, pelo menos, à mais-valia extra e à renda da terra. Para isso, cf. nosso texto “Renda da terra: uma concreção teórica necessária”. Revista de Economia Política. São Paulo: Centro de Economia Política / Brasiliense, v.4, n.4, p.108 - 123, 1984.

<sup>18</sup> Dentro dos limites dos valores individuais extremos do setor que produz essa mercadoria, essa capacidade é denominada por Marx *valor social* ou de *mercado*. Sobre o assunto, cf. nosso texto “Oferta e demanda e a determinação do valor de mercado. Tentativa de interpretação do cap. X do livro III d’O Capital. Anais do VII Encontro Nacional de Economia Política. Florianópolis: SEP, 17 a 20 de junho de 2003. (Disponível em <http://carcanholo.cjb.net>)

<sup>19</sup> Para maiores detalhes cf. nossos textos: “A teoria do valor e os preços de mercado (A transformação dos valores em preços de produção)” e, também, “O paradoxo da desigualdade dos iguais: incompreensões ricardianas sobre os preços de produção”. (ambos disponíveis em <http://carcanholo.cjb.net>).

<sup>20</sup> Sobre esta, cf. nosso texto sobre renda da terra mencionado na nota de rodapé nº 17 anterior.

mercadorias que consiste em um certo poder de compra, de magnitude só aproximadamente determinada, como vimos anteriormente. É uma qualidade delas, um *adjetivo* atribuído objetiva mas socialmente a elas. E mais: é realmente isso, mas só é isso durante um tempo, um período, uma época.

Como qualquer categoria da dialética marxista, não se refere a algo dado, a algo que possa ser definido de uma vez para sempre. O valor é, na verdade, um processo de desenvolvimento que, como qualquer outro, possui seu nascimento, desenvolvimento, maturidade, velhice ou senilidade e morte. Se for mais fácil de entender-se, o valor é algo que está em permanente processo de desenvolvimento. Este processo é, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das relações sociais mercantis no seio da humanidade. Como está em permanente desenvolvimento, o que ele é hoje deixará de ser amanhã e é diferente do que foi ontem, como qualquer ser orgânico, inorgânico ou social. Por isso, defini-lo de alguma forma é uma completa insensatez.

É verdade que o valor, durante um certo período pode ser descrito (nunca definido) como uma característica, um adjetivo, uma qualidade social. Trata-se de algo que existe no interior da mercadoria e não pode desprender-se dela; a destruição da mercadoria é sua destruição. Mas tudo isso é correto na etapa de seu desenvolvimento anterior à sua maturidade. Esta só é alcançada quando ele se transforma em capital.

É isso mesmo, o capital é simplesmente valor, só que um valor mais desenvolvido, que já alcançou sua maturidade. Ele agora é capaz de se reproduzir, produzir seus filhinhos (a mais-valia). Ele, agora, já não é mais uma simples propriedade social ou um simples adjetivo da mercadoria. Ele adquiriu vida própria, transformou-se em ser com vida própria. Ele não perece com a mercadoria que lhe porta, ele agora é eterno, ou melhor, pretende ser eterno<sup>21</sup>. Ele saiu da infância e adquiriu sua maturidade; é o que Marx chama de “substantivação do valor” (de adjetivo, transformou-se em substantivo) quando o valor se converte em capital<sup>22</sup>.

O valor-capital agora existe em si e para si. Utiliza-se das formas corpóreas das mercadorias e do dinheiro, mas não se confunde com elas. Ele se transforma não só em ser com vida própria: passa a ser o sujeito da sociedade e da história e transforma o ser humano em mero aspecto seu. É o que se pode chamar de *inversão do sujeito histórico e social*. Seu desígnio de alcançar o posto de sujeito absoluto da história é inalcançável, por encontrar seu oponente, apesar de tudo, na rebeldia inerente, essencial à natureza humana que, por mais que apareça na pré-história da humanidade como algo embotado, violentado, subjugada, manifesta-se sempre, mesmo que de maneira pouco eficiente ou significativa, na maior parte dos momentos da história das sociedades de classe.

Sua existência em si e para si (do valor como capital), talvez apareça mais claramente aos nossos olhos nos dias de hoje, com a predominância do que se está chamando de capital financeiro e que melhor ficaria caracterizado como capital fictício ou

---

<sup>21</sup> Por sorte isso é uma impossibilidade teórica e histórica.

<sup>22</sup> Cf. o nosso texto: “O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização” (co-autor: Paulo Nakatani). Ensaios FEE, v. 20, nº 1, pp. 264-304. Porto Alegre, junho de 1999. Versão atualizada aparece em <http://carcanholo.cjb.net>.



capital especulativo/rentista parasitário. Neste momento de nossas vidas, o capital aparece como um poderoso ser que nem mesmo precisa da materialidade das mercadorias para sua existência. Ele aparece como algo total e absolutamente abstrato, desprovido de substância material, mas que existe realmente e está aqui, ali e em todo lugar, mas não o vemos diretamente. É abstrato, invisível, sem materialidade, ubíquo e todo poderoso.

Não passa do mesmo conceito anterior de valor, só que agora em um estágio superior de seu desenvolvimento. Superou inclusive sua maturidade. Alcançou a senilidade<sup>23</sup> e, sem dúvida, está hoje mais perto de sua morte como conceito e como ser que organiza a sociedade e dirige nossas vidas e nossas mortes.

Que diferente ele se apresenta agora daquilo que se pretende definir simplesmente como quantidade de trabalho socialmente ...! Que insensatez é definir valor de qualquer maneira que seja! A única coisa que podemos pretender fazer é descobrir as leis de seu desenvolvimento; descrevê-las. Essa foi a tarefa de Marx, de sua vida: descrever essas leis em suas linhas mais gerais. E, o que podemos pretender fazer? Descobrir suas especificidades contemporâneas, suas conseqüências, suas implicações, as potencialidades do seu trajeto futuro. Não é uma tarefa fácil, mas muito do caminho já foi seguido, outro tanto apontado; precisamos percorrê-lo e descobrir por onde continua.

---

<sup>23</sup> Não deve ser por outra razão que Reinaldo Gonçalves, na sua profunda intuição teórica, chama a etapa capitalista atual de senil. Cf. Gonçalves, Reinaldo. Vagão Descarrilhado – O Brasil e o futuro da economia global. Record, Rio de Janeiro, 2002.